

O exercício da paciência

JÁ ESTÁ marcada, afinal, a hora de se começar a votar o novo texto constitucional, com a aprovação plena, anteontem, do substitutivo de Regimento Interno oferecido pelo Centrão. E essa hora indica também a tarefa a que de imediato devem se dedicar todos os constituintes: empregar o período que vai de agora até 27 de janeiro próximo num aprendizado intensivo da paciência.

A HORA de votar será a hora da paciência. Da paciência que não é passividade, e sim nobre exercício de uma virtude moral, a virtude da fortaleza: é mais forte o que sabe suportar, sustentar, absorver do que o que apenas assimilou da fortaleza um lado ambíguo, frequentemente deteriorado em extremo vicioso, a agressão.

A AGRESSÃO não é revolucionária ou transformadora por ser agressão, já que revoluções e inovações jamais se limitam a destruir. A agressão é construtiva, se e quando dosada, calculada, deliberada; e isso exige que a impulsividade que é seu ingrediente emocional, animal e irracional sofra o contrapeso da paciência: a paciência faz a economia da agressão, para que esta seja aplicada com maior precisão e com mais rendimento.

O VOTO constituinte é, por sua natureza, um voto solidário,

precedido, necessariamente, de deliberação tomada em comum, num exercício ímpar de paciência. O voto constituinte não pode nem ser deixado ao sabor do momento ou do acaso, nem ser ditado por caturrices individualistas: tendo o porvir como horizonte, tem que se purgar da influência do imediato e do cotidiano; e porque visa a corroborar o tecido social da Nação e a permear de capilaridade todo o aparelho do Estado, só poderá exprimir a vontade comum.

TODOS alegam exprimir a vontade comum e ecoar a voz das ruas. Mas nem todos têm a paciência de aprimorar os próprios aparelhos de registro; por isso seu malogro arrasta, tantas vezes, a frustração da coletividade. Uma frustração que, hoje, ninguém ousaria conscientemente exacerbar. Descobrir uma voz popular uníssona não é fácil, como pensam os que presumem transmiti-la fielmente tomando-a pela amplitude de onda. O difícil, e também o correto, é modular-se pela frequência de onda.

SINTONIZAR-SE com essa frequência é instalar-se no eixo de uma irradiação. É descobrir coincidências; é atinar com compatibilidades. Para isso, é preciso paciência: paciência e compatibilização são ambos derivados de uma única raiz.

DE ONDE vem, entretanto, a tentação da impaciência? Vem,

em primeiro lugar, do individualismo, do personalismo: são ordinariamente impacientes os que se dão como o todo e os que pensam como se fossem o todo e dispensam, conseqüentemente, somar-se com quem quer que seja. Vem, em segundo lugar, dessa forma peculiar de insegurança e angústia, que é a voracidade do querer tudo: são impacientes, ordinariamente, os inconformados com as mais óbvias e fatais deficiências, esquecidos de que o ótimo é frequentemente inimigo do bom. Vem, finalmente, do querer tudo e já: são impacientes, ordinariamente, os antecipadores, os líderes sem liderados conscientes e voluntários — que tiram o sabor da vitória, por esvaziar o empenho pelas conquistas; que exaurem a vivência do progresso, trazendo qualquer futuro para o presente.

ESPERAMOS que se tenha esgotado, até pelos reveses que acabou tendo que amargar, a fase de impaciência da Constituinte. E que a experiência tenha redundado em amadurecimento, para que tenhamos uma Constituição que seja o espelho e o ideal de todos e não apenas satisfação narcisista de uns poucos; para que tenhamos uma Constituição sóbria, primando mais pela clareza que pela abrangência; e para que tenhamos uma Constituição ágil, capaz de atualização permanente no futuro, por não se ter amarrado ao imediato e presente.